

# AVÓS E NETOS: UMA RELAÇÃO AFECTIVA, UMA RELAÇÃO DE AFECTOS

---

*Liliana Sousa \**

## INTRODUÇÃO

A reflexão sobre a relação avós-netos remete-nos, inevitavelmente, para as nossas experiências: os nossos avós, os nossos netos! No meu caso fez-me reviver com intensa saudade as memórias do meu avô (materno) Delfim, o único avô com quem convivi: morreu aos 81 anos, quando eu tinha 15 anos. Não conheci as minhas avós, pois ao contrário do que é comum, morreram antes dos maridos: a minha avó materna – Rosa – morreu antes de eu ter nascido, a minha avó paterna – Olinda – morreu quando era eu pequena (tinha uns 5 anos). O meu avô paterno – Luís – morreu quando já tinha 20 anos, mas vivia longe e nunca convivi com ele.

As memórias dos meus avós, principalmente do meu avô Delfim, conduziram-me a reflectir sobre a relação avós-netos em quatro linhas: as implicações das mudanças sociais e demográficas, uma vez que apesar de apenas terem passado uns 20 anos desde que deixei de poder conviver com qualquer dos meus avós, há um conjunto de alterações que estão a reformar a interacção avós-netos; o espaço de encontro de gerações vivenciado entre avós e netos, uma vez que as memórias que tenho são de uma menina pequena que se confronta com os avós e os pais com ideias e mundos de vida diferentes, interagindo e aprendendo em conjunto; os diferentes estilos de ser avô, pois apesar de ter convivido com apenas um dos meus avós, a minha experiência profissional e pessoal mostram que há várias formas de exercer os papéis de avô e neto; o triângulo relacional avós-pais-netos, já que a relação avós-netos pode ser vista como autónoma, mas os pais fazem sempre parte dela.

---

\* Universidade de Aveiro.

## **1. MUDANÇAS SOCIAIS E DEMOGRÁFICAS E IMPLICAÇÕES NA RELAÇÃO AVÓS-NETOS**

Torna-se quase impossível reflectir sobre a relação avós-netos sem fazer referência às mudanças sociais e demográficas que as têm vindo a modificar e a tornar mais possíveis (Sousa, Figueiredo & Cerqueira, 2004).

### **Aumento da esperança de vida com (in)dependência**

A actual geração de avós é a primeira na história que pode esperar ter tempo para ver os netos crescer e serem adultos. Actualmente, a assunção do papel de avô/avó ocorre em média entre os 50 e os 60 anos, o que possibilita que avós e netos possam esperar viver em comum 2 a 3 décadas, sendo que a terceira década ocorrerá já com os netos adultos. Este maior tempo conjunto pode ocorrer num contexto de dependência ou independência dos avós, daí que não se possa desejar apenas que os avós cuidem dos netos, cada vez mais poder-se-á esperar que também os netos cuidem dos avós. Assim, emerge uma relação de cuidados recíproca: os avós cuidam (ou ajudam a cuidar) dos netos enquanto estes são mais pequenos e os netos poderão cuidar dos avós quando estes chegarem uma fase da vida de maior debilidade.

Neste contexto de prolongamento da vida, verifica-se que a actual geração de netos é a primeira que pode esperar conhecer os quatro avós. Há poucas décadas atrás, sendo a esperança de vida mais reduzida, apenas alguns avós resistiam mais anos, por isso o mais natural seria os netos conhecerem um ou outro avô, mas raramente os quatro. Esta convivência cria um conjunto de laços e desafios. Os laços novos centram-se, essencialmente, na interacção entre avós maternos e avós paternos, que terão de construir uma relação entre si, ainda que mediada pelo neto. Estes novos laços constituem um desafio para avós e netos: os avós têm de interagir entre si, complementando-se e dando carinho e afecto ao seu neto comum; os netos terão de aprender a lidar com quatro avós diferentes, adaptando-se aos estilos e repartindo o seu tempo. Kornhaber (1996) estudou os aspectos que podem afectar as relações avós-avós, identificando as seguintes: diferentes origens culturais (levam a confusão e competição); diferentes níveis económicos e recursos (causa ressentimento, especialmente, nos menos favorecidos); diferentes origens religiosas (gera-se competição para conquistar a preferência do neto); diferentes opiniões, valores e estilos de vida (cria divisão e, até, hostilidade na família).

O aumento da esperança de vida tende, cada vez mais, a adicionar uma outra geração nestas relações: os bisavós. Verifica-se, actualmente, que 20% das mulheres que morrem com 80 ou mais anos são bisavós. Podemos esperar que os avós vejam os netos crescer e até ter filhos, por isso a relação bisavós-bisnetos

começa a emergir como potencialmente importante. Este laço tem sido muito pouco estudado, principalmente, pela sua raridade que, com certeza, virá a diminuir nos próximos anos.

### **Melhoria da qualidade de vida**

O aumento da esperança de vida tem sido, felizmente, acompanhado pela melhoria da qualidade de vida. Existem, ainda, muitos avós que vivem em condições de pobreza e vulnerabilidade social, mas existe uma tendência para que tenham mais formação académica e melhores rendimentos. Esta melhoria nas condições de vida permite que os avós não tenham que manter actividades de subsistência para equilibrar os seus rendimentos e, assim, disponham de mais tempo para os netos. Ao mesmo tempo, tendo mais formação podem proporcionar mais e novas experiências aos seus netos. De qualquer forma, mesmo os avós com menos formação e poder económico sempre encontram alternativas criativas para estar junto dos netos e lhe providenciarem afecto.

### **Verticalização das famílias**

As famílias estão a tornar-se mais verticais devido à diminuição da taxa de natalidade, mais mulheres que escolhem não ter filhos e aumento da longevidade, ou seja, co-existem várias gerações, cada uma delas com poucos elementos, sendo as mais novas aquelas que menos membros têm. Como os casais têm filhos mais tarde, a diferença de idades inter-geracional é maior, nesta sequência pode esperar-se que famílias de quatro gerações se tornem cada vez mais comuns, com maiores diferenças de idade. No que respeita à relação avós-netos, daqui resulta a diminuição do número de netos, permitindo que os avós possam dar uma atenção mais individualizada aos netos. Aliás, é curioso verificar que antes existiam menos avós para mais netos, agora há mais avós para menos netos. Voltando à verticalização das famílias, é importante referir que esta circunstância acarreta, igualmente, o aumento da importância das relações inter-gerações, uma vez que diminuem os colaterais, mas aumenta o número de gerações.

### **Integração das mulheres (mães) no mercado de trabalho**

O aumento das mulheres/mães que integram o mercado regular de emprego tem vindo a exigir uma modificação na implicação dos avós na educação dos netos: por exemplo é cada vez mais frequente que os avós assumam tarefas como levar os netos ao infantário ou à escola, que os levem às actividades extra-curriculares... Contudo, é de prever que esta situação sofra algumas alterações, uma vez que também os avós (avô e avó), cada vez mais, estão inseridos no mercado

de trabalho e desempenharão essa actividade até mais tarde. Por isso, este recurso aos avós poderá estar em risco e ser necessário encontrar outras formas de apoio.

### ***Aumento da mobilidade geográfica das famílias***

O aumento da mobilidade geográfica das famílias tem-se efectuado, principalmente, com a migração das gerações mais novas rumo aos meios urbanos, onde se encontram mais e melhores oportunidades de emprego. Desta forma, aumenta-se a distância entre avós e netos, que complexifica e distancia as relações. De facto, o contacto regular e face-a-face é insubstituível na construção duma relação afectiva e educativa, quando tal não ocorre ou é esporádico, a relação torna-se mais concentrada em ocasiões específicas, como as férias, os aniversários ou as festas.

### ***Mais avós preferem viver sós***

Cada vez mais pessoas, de todas as idades, optam por viver sós.

Também os avós de hoje, talvez por terem mais qualidade de vida e mais poder económico (que lhes permite, por exemplo, pagar o apoio de que necessitam), acabam por preferir ficar nas suas casas, mesmo que sós. Em simultâneo, verifica-se que os filhos também têm vidas muito ocupadas que não permitem uma maior atenção aos pais. Desta forma, favorece-se a autonomia e diminuem-se os conflitos comuns quando avós, pais e netos coabitam. As relações são favorecidas pela autonomia, mas é igualmente criada alguma distância.

### ***Novas relações familiares***

As novas formas de famílias que têm emergido nas últimas décadas trazem à cena novas relações familiares, por exemplo os divórcios e recasamentos criam novos elementos na família, tais como, os padrastos e madrastas e, cada vez mais, os *avódrastos* e *bisavódrastos*. Estes novos papéis na família, pela sua novidade, colocam a quem os exerce, assim como a quem com eles convive, diversas dúvidas e questões.

## **2. AVÓS E NETOS: ESPAÇO DE ENCONTRO DE GERAÇÕES**

A relação avós e netos é, indiscutivelmente, um espaço de encontro de gerações. Pode ser conceptualizado com base no entrecruzar de três eixos temporais: tempo social (história da sociedade e da comunidade), tempo familiar (passagem pelas várias fases do ciclo de vida familiar) e tempo individual (aspectos do desenvolvimento individual).

O tempo social alerta para que grupos que nasceram e viveram em períodos diferentes diferem em múltiplos aspectos (Carter & McGoldrick, 1995), tais como: alteração nos papéis de género (por exemplo, as mulheres têm, pela primeira vez na história, uma carreira profissional); aumento dos níveis educativos; massificação do acesso a bens e serviços; diversificação nas atitudes em relação à família (há novas formas de contornos aceitáveis, como as uniões de facto, os adultos sozinhos).

O tempo individual reflecte o desenvolvimento de cada pessoa, a sua idade e características próprias em termos de afectivos, cognitivos, sociais e motores. Inclui a relação com outros sistemas (profissional, escolar, comunitário,...), reflectindo-se nas necessidades e prioridades que o sujeito estabelece.

O tempo familiar cruza-se com os outros e tem uma existência própria. As famílias são reconhecidas como evolutivas e em transformação, num processo simultâneo de mudança, desenvolvimento e continuidade. O ciclo de vida familiar descreve o modo como as famílias evoluem e se transformam, providenciando marcos para dividir o *relógio* familiar em segmentos. Os estádios são definidos a partir dos momentos de crise/transição, podendo sintetizar-se em dois tipos: crise de acesso (alguém entra no sistema) e crise de desmembramento (alguém sai) (Hoffman, 1989). Apesar de existirem vários modelos de estágios apresentamos o de Carter e McGoldrick (1989) constituído por seis estádios: sair de casa (entre famílias); junção de famílias pelo casamento (novo casal); famílias com crianças pequenas; famílias com adolescentes; deixar os filhos sair; famílias no fim da vida.

Nesta encruzilhada de tempos, devem considerar-se três gerações com diferentes tempos de vida social, familiar e individual: pais, avós e netos.

Nesta encruzilhada emergem um conjunto de vicissitudes das relações avós-netos.

### ***Os diferentes tempos sociais entre avós e netos***

Os avós têm um presente, um passado e um futuro! Os netos têm um presente e constróem o futuro.

Assim, os avós constituem uma *janela* privilegiada para o passado da família e da comunidade. Não se pode esquecer que os actuais avós viveram tempos intensos de mudança. Por exemplo: passaram por momentos da vida política que constituíram alterações radicais de estilos de vida e valores, uma vez que viveram o salazarismo, a primavera marcelista e o pós 25 de Abril; testemunharam progressos da ciência e, em especial, da medicina e tecnologia,... Desta forma, os avós constituem-se como uma memória viva do passado, junto deles os netos podem aceder à *história da história*, um relato vivido e personificado dos factos e da experiência vivida.

Reviver estas vivências com os netos permite aos avós ver o mundo através de «olhos novos»: por um lado, algumas experiências são vividas e revividas de outra forma (por exemplo, um avô que esteve na guerra, ao contar aos netos, provavelmente, consegue atribuir-lhe um significado menos negativo – *os meus netos gostaram de saber!*); por outro lado, as questões e observações dos netos permitem aos avós dar continuidade às experiências. Acresce que os netos são uma audiência nova para as experiências dos avós: novos em idade e por isso com outra perspectiva sobre os acontecimentos; e novos porque os avós nunca partilharam essas vivências com eles, desta forma podem evitar ser repetitivos e obter mais atenção.

No entanto, estes diferentes tempos sociais entre avós e netos acarretam, igualmente, desvantagens, sendo a mais notória centrada no facto de os netos poderem assumir que os avós vivem no passado e são retrógrados. Verifica-se, ainda, que avós e netos podem ter preferência por diferentes actividades, por exemplo, os avós podem querer ler, enquanto os netos desejam jogar computador.

### ***Os diferentes tempos individuais entre avós e netos***

Os avós vivem a meia-idade ou a velhice! Os netos são crianças, adolescentes ou jovens adultos! Desta forma os avós vivem um período de (início) algumas limitações físicas e de maturidade, ao mesmo tempo já foram crianças, adolescentes e jovens. Os netos vivem um período de elevada competência física e construção da maturidade, sabem que serão, um dia, idosos.

Neste cruzamento de vivências está presente a velhice, enquanto vivência actual ou próxima dos avós e distante para os netos. Este encontro pode constituir uma oportunidade para desenvolver atitudes positivas em relação à velhice e ao envelhecimento. Quando os avós se sentem valorizados e queridos pelos netos, vão atribuir um significado mais positivo à velhice; ao mesmo tempo, se os netos gostam dos avós vão sentir menos a ameaça da velhice como uma fase apenas de perda de competências. Assim, se as relações avós-netos são envoltas em carinho, compreensão e aprendizagem mútua permitem que avós e netos desenvolvam atitudes mais positivas em relação ao envelhecimento. Obviamente que o contrário também é possível, isto é, uma relação avós-netos envolvida num clima de conflito e desentendimento, levará a que as imagens negativas da velhice ganhem relevo.

A relação com os netos é uma ocasião para os avós quebrarem as regras de comportamento adequadas à idade. De facto, socialmente espera-se que pessoas com *determinada* idade adotem determinados comportamentos, mas brincar com os netos é uma actividade socialmente adequada que permite aos avós fazer algo desadequado e desejado, num contexto adequado.

Os estádios de *ser avô* são delimitados pelas fases de desenvolvimento dos netos. Assim, podem identificar-se três estádios da carreira de avô, delimitados

pelas fases de desenvolvimento dos netos: crianças, adolescente e jovens adultos. O seguinte relato mostra a perspectiva comum que os netos têm dos avós nestas fases:

Quando era criança o meu avô era o máximo, brincava, tinha tempo para nós, os meus pais tinham pouca disponibilidade. Na adolescência o meu avô já não era o máximo: ele era mais «antiquado» que os meus pais, criticava as nossas roupas, os nossos amigos, o tempo que estávamos ao telefone. Em adulta, as minhas recordações são positivas, totalmente positivas; voltou a ser o máximo!

Neste cruzar dos tempos individuais entre avós e netos a principal desvantagem é a valorização de actividades diferentes, ou seja, algum desencontro de motivações e interesses. Por exemplo, os netos ao viverem fases de grande vigor físico poderão preferir actividades físicas (como andar de bicicleta, jogar à bola) e os avós poderão escolher ir ao cinema.

### ***Os diferentes tempos familiares entre avós e netos***

Os avós já constituíram e criaram a sua família, vêem-na agora crescer e evoluir! Os netos preparam a sua vida familiar e profissional! Neste contexto os netos aprendem com a experiência dos avós, que lhes transmitem valores, princípios, comportamentos e atitudes perante a vida e a família. Por seu lado, os avós vêem o evoluir da sua família e podem compreender como as suas opções educativas e afectivas se consolidaram em novas famílias. Esta experiência pode ser positiva se os avós sentem que criaram bem os filhos, ou pode ser negativa se entendem que as suas escolhas se revelaram erradas e tiveram como consequência a menor capacidade dos seus filhos para organizarem as suas vidas. Os avós podem ainda ajudar os filhos e os netos na evolução das suas famílias, colaborando enquanto fonte de recursos instrumentais (por exemplo: levar os netos à escola), financeiros e afectivos. Ao nível das relações avós-netos neste contexto é natural que se evidenciem diferentes preocupações e objectivos: por exemplo, enquanto os netos se preocupam com a sua vida profissional, os avós poderão estar mais preocupados em ser bisavós.

### **A convivência avós-netos pode ser benéfica para ambos**

De facto, a convivência entre avós e netos pode ser benéfica para ambos, principalmente porque avós e netos podem aproveitar uma relação que não é tão complicada, por responsabilidades, obrigações e conflitos, como a relação pais-filhos. Para os avós é principalmente a realização de um sonho, pois este laço é sentido como a concretização do desejo de continuidade (sobreviver à morte através de recordações), oferece a possibilidade de exercer uma variedade de papéis e a oportunidade de interacções significativas e permite ver os próprios filhos serem pais (quando os filhos assumem o papel parental de forma percebida

pelos avós como adequada é com orgulho que sentem que foram bons pais). Para os netos, os avós representam a possibilidade de viver uma relação educativa e afectiva diferente: os avós têm mais tempo para brincar, passear, ... enquanto os pais têm pouco tempo, trabalham muito e chegam a casa cansados e chateados. Acresce que os avós têm um potencial de imaginação e criatividade superior, pois têm mais maturidade, experiência de vida e disponibilidade.

### 3. OS DIFERENTES ESTILOS DE *SER AVÔ!*

Contrariamente ao papel parental, o dos avós, mais do que estabelecido por normas sociais e legais, é frequentemente construído em cada contexto familiar, o que permite entender a grande variabilidade na forma como o papel é exercido, desde a completa ausência, até à substituição mais ou menos explícita dos pais ausentes. Os avós/avós podem assumir diferentes formas de desempenho deste papel, Neugarten e Weinstein (1968) definiram cinco estilos: formal, divertido, substitutivo, autoritário e distante.

Os avós formais procuram comportar-se de acordo com o que lhes parece ser o *seu papel*, mantendo clara a diferença em relação ao papel parental. Desta forma, os avós separam-se da tarefa de criar o neto e não dão aconselhamento. Nos divertidos predomina uma atitude informal e lúdica, em que avós e netos são essencialmente colegas de brincadeira, enfatizando a mútua satisfação. Os avós que adoptam o estilo substitutivo parental são aqueles que tendem a assumir todas as responsabilidades educativas na ausência dos pais. Trata-se de casos de morte, emigração ou negligência dos pais, em que os avós (por vezes até legalmente) se tornam *pais* dos netos. Os autoritários adoptam um estilo aceite pelos pais da criança, que se colocam numa posição de subordinação face aos próprios pais. Os distantes são aqueles avós que mantêm apenas contacto com os netos em ocasiões especiais (como aniversários, festas,...).

A assunção de um desses estilos pelos avós associa-se, não só com características de personalidade e com a relação que mantêm com os filhos, mas também com o estado de saúde, a distância geográfica e a idade: os avós com pouca saúde por norma são mais formais; os avós com mais saúde e mais novos são mais divertidos; os avós que vivem mais longe tendem a ter o estilo distante.

Independentemente do estilo usado Kivnick (1982) descreve cinco funções educativas dos avós:

- Mimar, o que não é sinónimo de *deseducar ou estragar* os netos. Ou seja, não é contrariar os pais e deixar os netos fazer o que os pais não deixam, é aproveitar o tempo e a disponibilidade para realizar tarefas de que eles gostam.
- Promover o desenvolvimento dos netos.

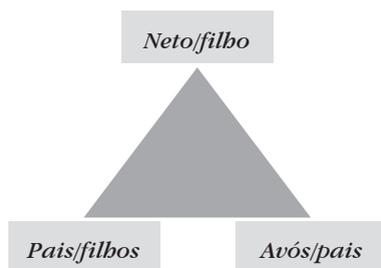
- Funcionar como fonte de sabedoria, sendo um recurso importante para o neto.
- Experimentar um sentimento de continuidade pessoal, sabendo que as recordações permanecerão e que a descendência dará continuidade à família.
- Reviver experiências educativas anteriores, o prazer de reviver as experiências parentais anteriores através da relação com os netos.

Em termos práticos, no quotidiano da relação os papéis desempenhados pelos avós mais apreciados pelos netos são (Kornhaber, 1996): historiador da família (como um livro vivo de histórias, dão aos netos uma ligação com o passado); professor (ensina o que sabe aos netos); mentor (mais do que transmitir competências, *incendeiam* a ambição e imaginação); estudante (aprendem e são inspirados pelos netos); um sistema de apoio natural; parceiro (um secreto conspirador, através de rituais secretos e divertimentos inofensivos); génio (significa que os avós têm um poder de satisfazer os desejos dos netos); herói (alguém com coragem e força: «*o meu avô é capaz de...*»); modelo de papel (as atitudes, comportamentos, opiniões,... dos avós modelam e têm impacto nos netos); feiticeiro (ser um contraponto imaginativo e mágico do quotidiano de tarefas); guia espiritual (os avós estão mais ligados ao espiritual, pois podem investir menos no quotidiano).

#### 4. AVÓS, PAIS E NETOS

A relação avós-netos, apesar de ter a sua autonomia, não pode ignorar os pais. De facto, temos um triângulo relacional em que o *ocupante* de cada vértice tem uma duplicidade de papéis (figura 1).

FIGURA 1. Triângulo relacional: avós, pais e netos



Neste triângulo cada um dos actores desempenha dois papéis: os avós são igualmente pais dos pais dos netos; os pais são filhos dos avós dos seus filhos;

os netos são ainda filhos. Esta duplicidade de papéis pode gerar confusões, por exemplo na definição de tarefas e gerar sobreposição de funções. Neste contexto há que ter cuidado para evitar conflitos e escaladas simétricas, os principais problemas que podem emergir são: os netos confundem o papel de avós e pais; os avós confundem o papel de avós e pais; os pais confundem o papel de filhos e pais. Alguns exemplos de situações comuns, potencialmente conflituosas são: um dos avós alia-se ao neto, considerando que os pais têm atitudes educativas demasiado rígidas; um dos pais alia-se ao neto, defendendo que o avô quer instalar regras que eles não acham correctas; pais e avós aliam-se contra o neto que consideram tem comportamentos desadequados.

Os avós, assim como os pais, desempenham um papel educativo junto dos netos. Na verdade, os avós encontram-se perante duas normas contraditórias: não interferir (manter fronteiras) na educação que os seus filhos dão aos netos e a obrigação de fazer tudo para ajudar os filhos e os netos. O papel dos avós junto dos seus netos ocorre em duas linhas (Gonzaga & Cruz, 2000): enquanto *pais dos pais dos netos* constituíram uma força influente das atitudes e comportamentos educativos dos seus filhos agora adultos e pais; como avós podem actuar directamente sobre os netos. Quanto ao papel educativo, propriamente dito, dos avós, a investigação tem-se desenvolvido sobre (dis)cordâncias entre pais e avós e comportamentos educativos.

Sobre as (dis)cordâncias entre pais e avós relativamente às crenças e comportamentos educativos face às crianças, as diferenças entre mães e avós indicam que estas últimas são mais tradicionais (Martin *et al.*, 1991). No entanto, em geral, há um grau de concordância razoável nas crenças educativas, sobretudo no que respeita aos indivíduos do sexo feminino (Cohler *et al.*, 1971), sendo de salientar o escasso número de estudos com figuras masculinas. As discordâncias surgem de diversos factores, por exemplo, o facto de três gerações – avós, filhos e netos – habitarem a mesma casa irá favorecer a tomada de posições distintas (quando vivem em casas separadas o grau de concordância é superior) (Staples & Smith, 1954). Quanto aos comportamentos educativos os estudos acentuam a quase inexistência de correlações entre avós e mães (Covell, Grusec & King, 1995). Ou seja, os princípios subjacentes são os mesmos, mas são agidos de diferentes formas, isto deve-se, por um lado, ao tempo social (evolução nos conhecimentos educativos), por outro lado, na experiência como filhos (o que quero e não quero) e, ainda, na continuidade pais-filhos. Por exemplo: quando uma criança faz uma asneira, a avó pode querer castigá-lo e a mãe falar com ele; mas ambas consideram aquele comportamento incorrecto.

Nesta triangulação é importante que se mantenham relações equilibradas: pais e avós desempenham papéis diferentes e assumem estatutos diferentes em relação à criança (filho/neto); vivem diferentes fases da vida, com exigências que implicam diferentes formas de estar com os mais novos.

## REFLEXÕES FINAIS

Como vimos os avós podem assumir um papel importante na vida dos netos, mas a relação inversa também se verifica. O envolvimento emocional na prestação de cuidados aos netos, numa base diária, constitui, para muitos avós uma nova motivação para a vida, até porque é acompanhado de menor responsabilidade e maior tolerância. Neste contexto encontram-se algumas diferenças de género, Thomas (1986) conclui que as avós retiram maior satisfação do seu papel do que os avôs. Para ambos trata-se de aproveitar a oportunidade para estabelecer uma relação gratificante de carinho e afecto, mas para as avós trata-se, ainda, de uma oportunidade de exercerem novamente uma série de competências nas quais se sentem peritas.

Outra gratificação associada ao papel de avô é ver os próprios filhos serem pais, quando os filhos assumem o papel parental de forma percebida pelos avós como adequada é com orgulho que sentem ter feito um bom trabalho, isto é, sentem que foram bons pais.

A relação avós-netos enfrenta vários desafios num futuro próximo que fomos identificando e das quais queremos salientar: mais tempo de vida em comum, necessidade de desenvolver relações adultos-adultos e adaptação a novas formas de família e novos estilos de vida.

## Bibliografia

- CARTER, B. & MCGOLDRICK, M. (1995), *As mudanças no ciclo de vida familiar. Uma estrutura para a terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- COHLER, B.; GRUNEBaum, H.; WEISS, J. & MORAN, D. (1971), «The child-care attitudes of two generations of mothers», *Merrill-Palmer Quarterly*, 17, pp. 3-17.
- COVELL, K.; GRUSEC, J. & KING, G. (1995), «The intergenerational transmission of maternal discipline and standards of behavior», *Social Development*, 4, pp. 32-43.
- GONZAGA, A. & CRUZ, O. (2000), «A percepção dos avós acerca das suas relações inter-generacionais», *Infância e Educação: investigação e práticas*, 1, pp. 97-118.
- HOFFMAN, L. (1989), «The family life cycle and discontinuous change», in B. CARTER e M. MCGOLDRICK (Eds.), *The changing family life cycle*. Boston: Allyn and Bacon, pp. 91-106.
- KIVNICK, H. Q. (1982), «Grandparenthood: An overview of meaning and mental health», *The Gerontologist*, 22, pp. 59-66.
- KORNHABER, A. & WOODWARD, K. (1981), *Grandparents/grandchildren, the vital connection*. New York: Anchor Press/Doubleday.

- MARTIN, P.; HALVERSON, C.; WAMPLER, K. & HOLLETT-WRIGHT, N. (1991), «Intergenerational differences in parenting styles and goals», *International Journal of Behavioral Development*, 14, pp. 195-207.
- NEUGARTEN, B. & WEINSTEIN, K. (1968), «The changing American grandparent», in B. NEUGARTEN (Ed.), *Middle age and aging*. London: University of Chicago Press.
- SOUSA, L.; FIGUEIREDO, D. & CERQUEIRA, M. (2004), *Envelhecer em família*. Porto: Ambar.
- STAPLES, R. & SMITH, J. (1954), «Attitudes toward grandmothers and mothers toward child rearing practices», *Child Development*, 25, pp. 90-97.
- THOMAS, J. (1986), «Gender differences satisfaction with granparenting», *Psychology and Aging*, 1, pp. 215-219.